

# Colóquio sobre Arte a propósito da exposição de Bertina Lopes

12/7/62

«Nos quadros da Bertina Lopes vemos uma conquista, desespero, ódio ao ódio. Vemos uma potencialidade nerótico. Bertina, ela própria, está sempre presente com violência. A sua tela denota explosão cromática, linear e sobretudo explosão humana, mas feroz» — disse o poeta Rui Nogar, quando intervinha no decurso do colóquio realizado a propósito da exposição da artista plástica moçambicana, Bertina Lopes, no Museu Nacional de Arte, no sábado passado em Maputo.

No decurso do colóquio enalteceu-se a obra de Bertina Lopes e o seu valor no desenvolvimento da Arte moçambicana.

O poeta Rui Nogar ainda afirmou que a Arte no período colonial da qual Bertina fez parte foi uma contra-provocação à provocação do fascismo na época.

— Bertina provocou o «statu quo» da época — acrescentou.

Outro dos participantes ainda disse que, embora antes de Bertina Lopes houvessem pintores africanos como Jacob Estêvão e Campira, Bertina Lopes foi um dos primeiros indivíduos a denunciar o sistema colonial-fascista nos quadros que pintava.

No colóquio, organizado pelo Núcleo de Arte em Maputo estiveram presentes diversos artistas plásticos como Malangatana Ngwenha, Mankeu, pessoas interessadas no movimento artístico como Willy Waddington, Augusto Cabral, poetas moçambicanos e dezenas de afeiçoados pela Arte.

Esta exposição patente desde o passado dia 1 do corrente mês e cujo encerramento está previsto para o próximo dia 15, no Museu Nacional de Arte, é a primeira exposição individual desde a Independência Nacional.

Como afirmou Salomão Manhiça, Director Nacional de Cultura, a exposição marca o início de outras exposições individuais.

— Mesmo depois de Bertina partir e ir viver na Itália, ela manteve sempre a sua personalidade — a

sua alma africana — embora em obras que se enquadram numa sociedade europeia — sublinhou Augusto Cabral.

Acerca dos 113 quadros de Ber-



«Olhos brancos de farinha de milho» (196)

tina Lopes expostos em retrospectiva desde o tempo colonial no Museu Nacional de Arte, produto de 30 anos de actividade cultural, escreve uma visitante no Livro de Honra:

— A arte é tudo quanto aqui se difunde: a sua exuberância, o seu colorido, as suas fases violentas e doces, uma maneira de dizer tantas coisas e de nos contar a nós tanta coisa.

Bertina, eu sinto que a tua arte é como tu ou que tu és como a tua arte.

Marcelino dos Santos, Secretário para a Política Económica do Partido acrescenta:

— Desejo que Bertina continue o seu trabalho criador, a sua arte, a sua pintura, ajustando os passos à marcha da construção socialista da nossa terra moçambicana.

O caminho de todos nós é este, aprofundar sempre e sempre a nossa essência, fazer crescer continuamente as nossas raízes.

Aqui, com o sol, com a nossa cacimba, no nosso mato, na cidade, na terra argilosa, na mina, com a mão, enxada, o tractor, o computador, o mundo e o futuro são nossos. Como a rosa e o girassol. E sonoro como o socialismo.

Aqui, na nossa terra moçambicana, na República Popular de Moçambique decidimos e fazemos a História que queremos.

O colóquio estabeleceu uma linha de acção para o reactivar da actividade do Núcleo de Arte por forma a que esta instituição retome o seu papel de difusão de Arte em geral.

